

COMUNICAÇÃO GERAL | ARTIGO COMPLETO  
EIXO TEMÁTICO: I DOCUMENTAÇÃO DO MODERNO

## Um olhar sobre a Salvador “moderna” através da revista Técnica (1940-1959)

A LOOK AT “MODERN” SALVADOR THROUGH THE MAGAZINE TÉCNICA (1940-1959)

UNA MIRADA DE LA SALVADOR “MODERNA” A TRAVÉS DE LA REVISTA TÉCNICA (1940-1959)

**HUAPAYA ESPINOZA, JOSÉ CARLOS**

Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, joseepinoza@ufba.br

**CAMPOS, MIRÉN ARANTZA SOARES**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, mirencampos@ufba.br

### RESUMO

A revista *Técnica*, criada em 1940 pelo Sindicato de Engenheiros da Bahia, por sua vez, vinculada à Escola Politécnica da então Universidade da Bahia, constituiu-se na única revista especializada em engenharia, arquitetura e urbanismo na cidade de Salvador, à época. A sua importância tem sido valorada por alguns pesquisadores por ser considerada como fonte categórica para entender não só os processos de transformação da capital baiana, mas também como termômetro da presença da arquitetura moderna soteropolitana. Apesar disso, a revista em si, não tem sido devidamente estudada de forma mais ampla e detalhada. Assim, neste artigo, propomos debruçar-nos sobre o conteúdo da revista, tendo alguns questionamentos como fios condutores: quem formou o corpo editorial da revista? Como foi estruturada? Qual a linha editorial da revista? Quais as profissões dos autores e qual a importância que eles desempenharam no desenvolvimento urbano? Quais as temáticas que foram favorecidas? Qual o espaço, de fato, que a revista deu para temas voltados para arquitetura e urbanismo? Que arquitetura foi divulgada? Onde estavam localizados os projetos divulgados? É possível afirmar que a revista privilegiou os exemplares modernos? Uma análise preliminar nos mostra algumas características relevantes. A revista *Técnica* teve duas fases: uma de 1940 a 1950 e outra que vai de 1955 até a sua extinção, em 1959 (ela deixou de ser publicada entre 1951 e 1954). Esse fato se deu por causa de sua venda para o órgão da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, que deu um viés mais científico e intelectual, onde a arquitetura desaparece. Outra questão importante tem a ver justamente com seu conteúdo; apesar de o período de circulação coincidir, como falado anteriormente, com os processos de “modernização” da capital baiana, o que se percebe é, no

entanto, um viés muito mais eclético, que mostra uma Salvador, também eclética, onde existiam mudanças, mas também permanências.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Arquitetura eclética. Arquitetura moderna. Salvador. Revistas especializadas.

**ABSTRACT**

*The Técnica magazine was created in 1940 by the Sindicato de Engenheiros da Bahia, which was linked to the Escola Politécnica of the then Universidade da Bahia, constituted the only specialized magazine in engineering, architecture and urban planning in the city of Salvador at the time. Its importance has been valued by some researchers for being considered as a categorical source for understanding not only the processes of the capital of Bahia, but also as an indication of the presence of the modern architecture in Salvador. Despite this, the magazine itself has not been properly studied in a broader and more detailed way. Therefore, in this article, we propose to delve into the content of the magazine having some questions as guiding threads: who formed the editorial board of the magazine? How was it structured? What was the editorial line of the magazine? What were the professions of the authors and what importance did they play in urban development? What themes were favored? What space, in fact, did the magazine give for the themes related to architecture and urbanism? Which architecture was featured? Where were the published projects located? Is it possible to affirm that the magazine favored modern examples? A preliminary analysis reveals some relevant characteristics. The Técnica magazine had two phases, one from 1940 to 1950 and the other from 1955 until its extinction in 1959 (it stopped being published between 1951 and 1954). This fact occurred because it was sold to the órgão da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia which gave it a more scientific and intellectual bias, where architecture disappears. Another important question has to do, particularly, with the content of the magazine; although the circulation period coincides, as mentioned earlier, with the processes of 'modernization' of the capital of Bahia, what is perceived, however, is a much more eclectic bias that shows a Salvador, also eclectic, where there were changes, but also continuities.*

**KEYWORDS:**

*Eclectic architecture. Modern architecture. Salvador. Specialized magazines.*

**RESUMEN**

*La revista Técnica creada en 1940 por el Sindicato de Engenheiros da Bahia, a su vez vinculada a la Escola Politécnica de la entonces Universidade da Bahia, se constituyó en la única revista*

*especializada en ingeniería, arquitectura y urbanismo en la ciudad de Salvador en aquél momento. Su importancia ha sido valorada por algunos investigadores por ser considerada como fuente categórica para comprender no sólo los procesos de transformación de la capital de Bahía, sino también como indicación de la presencia de la arquitectura moderna de Salvador. A pesar de eso, la revista en sí no ha sido estudiada adecuadamente de manera más amplia y detallada. Así, en este artículo nos proponemos recorrer el contenido de la revista a partir de algunas preguntas como hilo conductor: ¿Quién formó el consejo editorial de la revista? ¿Cómo se estructuró? ¿Cuál es la línea editorial de la revista? ¿Cuáles son las profesiones de los autores y qué importancia tuvieron en el desarrollo urbano? ¿Qué temas fueron favorecidos? ¿Qué espacio, de hecho, le dio la revista a temas relacionados con la arquitectura y el urbanismo? ¿Qué tipo de arquitectura fue publicada? ¿Dónde estaban situados los proyectos publicados? ¿Se puede decir que la revista privilegió los ejemplos modernos? Un análisis preliminar nos muestra algunas características relevantes. La revista Técnica tuvo dos fases, una de 1940 a 1950 y otra desde 1955 hasta su extinción en 1959 (ella dejó de publicarse entre 1951 y 1954). Este hecho fue resultado de su venta a la Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia lo que le dio un perfil más científico e intelectual, donde la arquitectura desapareció. Otra cuestión importante tiene que ver precisamente con su contenido; a pesar de que el periodo de circulación coincide, como se ha comentado anteriormente, con los procesos de “modernización” de la capital de Bahía, lo que se observa, sin embargo, es un panorama mucho más ecléctico que muestra a una Salvador, también ecléctica, donde hubo cambios, pero también permanencias.*

**PALABRAS CLAVES:**

*Arquitectura ecléctica. Arquitectura moderna. Salvador. Revistas especializadas.*

## INTRODUÇÃO

A revista Técnica (1940-1959) foi criada pelo Sindicato de Engenheiros da Bahia, por sua vez, vinculada à Escola Politécnica da então Universidade da Bahia, e constituiu-se na única revista especializada em engenharia, arquitetura e urbanismo na cidade de Salvador, à época<sup>1</sup>. A sua importância pode ser corroborada a partir de duas frentes: estudos específicos sobre revistas especializadas; e a partir de diversas pesquisas que a usam como fonte categórica para entender não só os processos de transformação da capital baiana, mas também como termômetro da presença da arquitetura moderna soteropolitana.

Com relação à primeira frente, podemos citar, por exemplo, o livro *Urbanismo no Brasil, 1985-1965*, que reúne artigos e um “Guia de Fontes” de um total de oito capitais do país. Na seção “Revistas”, são brevemente analisados alguns periódicos especializados dessas cidades. No caso de Salvador, além da revista Técnica aparecem mais outras seis que tratam de temas bem mais específicos. No entanto, chamam a atenção algumas questões apontadas: “as publicações da revista se mantiveram durante 6 anos, sendo sua última edição a de número 19, de outubro de 1946” (Leme, 2005, p. 567). Acontece que, como veremos na seguinte seção, a revista Técnica continuou, na verdade, sendo publicada até 1959. Algo parecido pode ser visto no livro *Revistas de Arquitectura de América Latina, 1900-2000*, onde se afirma que a revista foi publicada, somente, entre 1937 e 1956 (Gutiérrez; Méndez; Barcina, 2001)<sup>2</sup>.

Já na segunda frente, dentre alguns dos trabalhos que tiveram como base a revista Técnica, podemos citar: “Zoom in, zoom out – a fotografia da arquitetura moderna e os contextos do modernismo e da modernização” (2012), de Bierrenbach, “Arquitetura moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo” (2012), de Andrade Junior, “Arquitetura moderna em Salvador. A contribuição do Sindicato de Engenharia da Bahia (1940-1959)” (2018), de Huapaya e Pessoa, e “Por uma Salvador Moderna: a custa de quem e de que?, 1935-1945” (2018), de Huapaya, Pessoa e Castro. Em todos esses casos, a revista foi usada como fonte de informações, mas, não foi devidamente estudada de forma mais ampla e detalhada.

Assim, neste artigo, propomos debruçar-nos sobre o conteúdo da revista, tendo alguns questionamentos como fios condutores: quem formou o corpo editorial da revista? Como foi estruturada? Qual a linha editorial da revista? Quais as profissões dos autores e qual a importância que eles desempenharam no desenvolvimento urbano? Quais as temáticas que foram favorecidas? Qual o espaço, de fato, que a revista deu para temas voltados para arquitetura e urbanismo? Que arquitetura foi divulgada? Onde estavam localizados os projetos divulgados? É possível afirmar que a revista privilegiou os exemplares modernos?

Uma observação é importante: a metodologia usada neste trabalho levou em consideração a análise das revistas às quais foi possível ter acesso. De um total de 38 exemplares, foi possível levantar 33<sup>3</sup>. Estes foram encontrados na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (nímeros 1 ao 23), na Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (nímeros 24 a 27 e 31), na Biblioteca Central do Estado da Bahia (nímeros 35 a 39), e na Biblioteca Central da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo (nímeros 34 e 40).

## AS TRANSFORMAÇÕES DA CIDADE DE SALVADOR E O SURGIMENTO DA REVISTA TÉCNICA

No início do século XX, a cidade de Salvador passou por um processo de modernização<sup>4</sup> inspirado na experiência ocorrida no Rio de Janeiro (Pinheiro, 2011). Liderada pelo então governador, J. J. Seabra<sup>5</sup>, a capital baiana apresentava um impasse diferente ao acontecido na região Sudeste, “em São Paulo e no Rio de Janeiro os intelectuais elegiam o Neocolonial como saída para a arquitetura brasileira, em Salvador, a população se envolvia num debate muito mais candente: preservar ou modernizar a cidade ao ritmo das picaretas ameaçadoras” (Azevedo, 1988, p. 15). Esse cenário prolongou-se até o ano de 1933, quando a Sé Primacial da Bahia foi vendida para a construção de um terminal de bondes e, em seguida, demolida.

De acordo com Fernandes, Sampaio e Gomes, foi com a organização da Semana do Urbanismo que a cidade de Salvador passou a ser o foco de atenção das discussões sobre seu futuro. A esse respeito, os autores afirmam que:

É significativo perceber que a Semana do Urbanismo realizada em 1935 tem, entre os 10 membros de sua comissão organizadora, a presença de nove engenheiros, muitos dos quais já formados pela própria Politécnica da Bahia. No mesmo sentido, os principais formuladores baianos de planos para cidades da Bahia até os anos 50 assim como aqueles baianos que participam de congressos nacionais ou internacionais de urbanismo são também professores ou egressos desta mesma Escola (Fernandes; Sampaio; Gomes, 1997, p. 205).

Nesse viés, nota-se a importância da atuação dos engenheiros como principais agentes transformadores em assuntos que envolviam o pensar e solucionar os problemas urbanos da capital baiana. Ainda sobre isto, Fernandes, Sampaio e Gomes (1997) apontam para a importância dessa profissão, no sentido de que a eles coube a:

[...] responsabilidade crescente na gestão, na regulamentação do funcionamento da cidade e no encaminhamento de

soluções para os seus problemas. O aparecimento do urbanista moderno como profissional especializado é assim precedido pela ampliação e reforço das formas de participação dos engenheiros na vida da cidade, na medida em que estes passam a ser “agentes de racionalidade” no sentido próprio (Fernandes; Sampaio; Gomes, 1997, p. 202).

Nesse sentido, segundo Azevedo (1988), com o fim da década de 1930, ficou cada vez mais evidente a necessidade, de um lado, de romper com o passado e, do outro, de assimilar a arquitetura moderna. Embora a cidade de Salvador não possuísse um curso de Arquitetura propriamente dito até o ano de 1958<sup>6</sup>, foi com a chegada da década de 1940 que o movimento moderno em arquitetura tornou-se mais evidente.

Figuras 1 e 2: Capas da revista Técnica n. 1 (ago./set. 1940) e n. 40 (dez. 1959)



Fonte: Biblioteca da FAUFBA e Biblioteca da EESC-SP

Foi nesse contexto de transformação e expansão da cidade que, em 1940, surge a revista Técnica. Com essa revista, pretendia-se constituir uma “publicação essencialmente baiana (sic), tratando preferencialmente de assuntos que afetam diretamente o nosso Estado, sobre o qual pesa (sic) uma grave responsabilidade técnica” (UM ANO, 1940). O periódico foi publicado até o ano de 1959, totalizando 40 números e 38 exemplares<sup>7</sup>. Além de dispor de um corpo editorial constituído principalmente por engenheiros, a revista, inicialmente, focou na área de engenharia, mantendo o título “Técnica – Revista de Engenharia” do n. 1 (ago./set. 1940) até o n. 3 (jan./fev. 1941), quando passou a

incluir a arquitetura, mudando seu título para “Técnica – Revista de Engenharia e Arquitetura”. O novo subtítulo da revista se manteve até o n. 34 (jul. 1955)<sup>8</sup> quando deixou de ter um subtítulo voltado às áreas de engenharia e arquitetura e tornou-se “Técnica – Órgão da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia” (Figuras 1 e 2). É importante salientar que “a mudança de título da revista pode ser entendida, de um lado, pelo momento significativo pelo qual passava a Bahia e, pelo outro, pelo trabalho em parceria entre engenheiros e arquitetos” (Huapaya; Pessoa, 2018).

De acordo com Huapaya e Pessoa (2018), a análise do conjunto das publicações da revista revela dois períodos distintos e bem marcados; ambos estão diretamente relacionados ao tipo de conteúdo abordado e à conformação do corpo editorial. Abordaremos aqui, portanto, esses dois momentos para fundamentar a compreensão da presença da arquitetura moderna em Salvador. O primeiro período abrange do número 1 ao número 33<sup>9</sup> (1940-1949), e o segundo, do número 34 ao número 40 (1955-1959), quando a revista foi vendida para o órgão da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia<sup>10</sup>.

Durante o primeiro período, a revista se dedicou principalmente a divulgar pesquisas técnicas de engenharia e notas de aula, além de artigos de arquitetura e urbanismo. Nesse contexto, o corpo editorial foi organizado em diversos cargos: Direção Comercial, Direção Técnica, Redação de Arquitetura, Redação de Urbanismo, Redação, Edição, Direção e Publicidade, como pode ser visto na Tabela 1 (a cor azul corresponde ao primeiro período e a cor rosa para o segundo). Ernani A. Caricchio assumiu a direção em 1940; nesse mesmo ano, ele passou a ocupar o cargo de Diretor Comercial, que manteve até 1946, quando se tornou editor da revista até o final da primeira fase. Em 1946, a revista passou a ser dirigida pelo engenheiro Miguel Calmon, junto com Américo F. de Simas Filho (1947), Jorge Kelsh (1947) e Quintino Steinbach (1947-1949)<sup>11</sup>.

Tabela 1: Relação dos cargos ocupados na revista Técnica

	Dirutor	Diretores Técnicos	Dirutor Comercial	Redator de Arquitetura	Redator de Urbanismo	Redatores	Editor	Diretores	Publicidade	Presidente	Vice-presidente	Outros/Conselho Dirutor
Ernani A. Caricchio	1940		1940-1946				1946-1949					
Miguel Calmon S.		1940-1946					1946-1949					
Leonardo M. Caricchio		1940-1946					1946-1949					
Numa Pompílio C. da Cunha	1940-1942											
Hello Duarte			1940-1941			1941						
Walter V. Gordillo				1940-1941		1941						
Jorge Olivieri						1941-1947						
Accoly Vieira de Andrade							1942-1946					
Solon Guimarães							1942-1945					
José Arquimedes Guimarães							1942					
Arquimedes P. Guimarães	1944-1946											
Carlos Araújo						1944-1945						
Américo F. de Simas Filho						1945-1949						
Alfredo S. Jacoby						1945-1949	1947					
Jorge Kelsh						1945-1947		1947				
Quintino Steinbach							1947-1949					
Vicente Torres								1949				
Thales de Azevedo									1955-1959			
José Pedreira de Freitas										1955-1959		
Jayme Junqueira Ayres											1955-1959	
José Góis											1955-1959	
Anísio Spinola Teixeira											1955-1959	
Carlos Furtado de Simas											1955-1959	
Archimedes Pereira Guimarães											1955-1959	

Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Além disso, no primeiro ano da revista, os cargos de redação estavam divididos em Redação de Arquitetura e Redação de Urbanismo, sob responsabilidade do

arquiteto Hélio Duarte e do engenheiro Walter Gordilho, respectivamente. No entanto, em 1941, essa divisão foi eliminada, e a redação geral passou a ser conduzida por ambos os profissionais até o final daquele ano. A partir de então, a redação foi assumida por vários profissionais: Jorge Olivieri (1941-1947), Accioly Vieira de Andrade (1942-1946), Solon Guimarães (1942-1945), João Duarte Guimarães (1942), Carlos Araujo (1944-1945), Américo F. de Simas Filho (1946-1949), Alfredo S. Jacoby (1946-1949) e Jorge Kelsh (1946-1947).

O fato da revista ter um perfil comercial resultou – para garantir sua publicação e periodicidade – na necessidade de obtenção de recursos financeiros externos, ainda mais em um contexto marcado pela Segunda Guerra Mundial. Sobre isto, por exemplo, “o número de páginas do nascer da revista cresceu em cada edição que surgiu, mesmo com o constante aumento de custo de papel e da impressão” (Um ano, 1941). Portanto, sua circulação foi viabilizada, em especial, a partir da publicidade de lojas de materiais, construtoras, escritórios e empresas relacionadas à construção que apareceram na revista. Esses anúncios foram promovidos pelos próprios editores; por exemplo, nos números correspondentes ao primeiro período, houve uma seção chamada “3 razões por que deveis anunciar em Técnica”, sendo elas: o público-alvo composto por engenheiros e construtores, a consulta contínua da revista ao longo dos anos e o poder aquisitivo dos leitores para adquirir os produtos e serviços divulgados.

O segundo período da revista teve início após um hiato de seis anos desde a finalização do primeiro período. Com a publicação do n. 34, em julho de 1955, a revista Técnica, como dito anteriormente, perdeu o subtítulo, que direcionava o conteúdo às áreas de engenharia e arquitetura, e passou a ser publicada pelo Órgão da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. Esse órgão foi criado pela Lei Nº 347, de 13 de dezembro de 1950, pelo então governador da Bahia, Octávio Mangabeira, que garantiu recursos para sua manutenção.

Com a mudança do órgão responsável pela publicação do periódico, a revista mudou também o foco da abordagem dos artigos. Acreditava-se que esta nova fase serviria tanto ao “pesquisador como ao profissional, pretendendo afirmar-se, portanto, como uma das expressões culturais no País de maior expressão” (Técnica, 1955, p. 1). Dessa maneira, a revista evidenciou uma necessidade por discutir assuntos relacionados à ciência, com interesse na publicação de trabalhos de “alta preocupação intelectual”, notas de leitura, comentários e pontos de aula<sup>12</sup>. A extinção de artigos sobre arquitetura e urbanismo não significou, necessariamente, a ausência por enfrentar problemáticas desses campos no estado da Bahia. Sobre isto, afirmava-se que:

As questões básicas que envolvem o progresso da Bahia, em particular – de saúde, de educação, de defesa vegetal, de produção animal, de fomento agrícola, de mineração, de energia, de transporte, do petróleo, de Paulo Afonso, da industrialização, de urbanismo, de economia – expandir-se-ão

nos diferentes números de técnica, com abundância de argumentos. E são tantas e tamanhas, de tal envergadura e atualidade essas questões, que não há motivo para não acudir com sugestões ou rumos para a solução do impasse em que se eternizam os enigmas da Bahia (Técnica, 1955, p. 1).

Nesse sentido, uma vez que a Fundação foi criada e garantida por lei, seu corpo editorial – agora chamado Conselho Diretor – foi dividido em cargos de presidência (Thales de Azevedo), vice-presidência (José Pedreira de Freitas), com mandatos previstos até maio de 1957, e secretaria geral (Archimedes Pereira de Guimarães), com mandato previsto até maio de 1960. Além disso, fizeram parte do Conselho Diretor Jayme Junqueira Ayres e José Silveira, com mandatos até maio de 1957, e Anísio Spínola Teixeira e Carlos Furtado de Simas, com mandatos até maio de 1960<sup>13</sup>.

Diferentemente do primeiro período, a revista Técnica deixou de promover anúncios publicitários, uma vez que os recursos financeiros eram patrocinados pela própria Fundação que também foi encarregada de custear:

estudos e investigações, isoladamente ou por meio de ajustes e contratos com entidades oficiais ou particulares, realizam-se pesquisas na Bahia, que, a seu tempo, merecerão a honra da impressão em técnica (Técnica, 1955, p. 1).

Ademais, a revista exibia a transparência financeira, indicando para qual setor e razão os recursos estavam sendo utilizados, realizando um balanço geral de despesas. Desse modo, é perceptível que essa mudança na organização da revista se alinhava com a seriedade depositada pelo governo em relação à publicação.

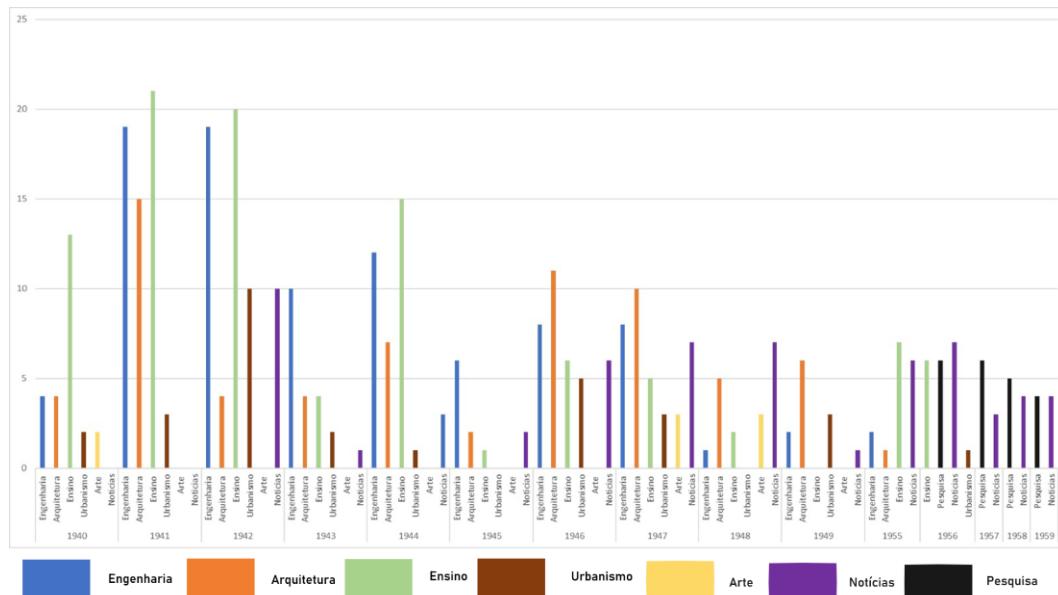
## TEMÁTICAS E ARTIGOS NA REVISTA TÉCNICA

Como visto na seção anterior, ao longo dos anos em que esteve em circulação, a revista Técnica explorou diferentes temáticas, de acordo com os interesses dos dois órgãos responsáveis. O Sindicato de Engenheiros da Bahia buscou difundir modelos e ideais que surgiram com a chegada da modernidade em Salvador, enquanto a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia privilegiou aspectos científicos, discutindo questões voltadas para o desenvolvimento do estado da Bahia de maneira técnica. Assim, nesta seção, tentamos explorar as permanências e mudanças nas temáticas que apareceram na revista ao longo de seu período de existência, além de analisar brevemente a forma em que os artigos foram publicados.

Como pode ser observado na Tabela 2, até o ano de 1949, a revista publicou, principalmente, artigos voltados para o ensino (notas de aula e estudos de engenharia), engenharia (em especial, novas técnicas e métodos construtivos), e para a difusão de projetos de arquitetura. Estes últimos atuaram como fator

primordial para fomentar a modernização da cidade de Salvador<sup>14</sup>. Apesar disso, a revista Técnica teve papel importante na divulgação de diversas referências arquitetônicas na Bahia, visto que ela “se caracterizou pela convivência simultânea, em suas páginas, de projetos nas mais variadas linguagens, do ‘estilo californiano’ neocolonial ao moderno” (Andrade Junior, 2012, p. 119).

Tabela 2: Gráfico Temáticas X Anos



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Essa coexistência tornou-se explícita em alguns projetos apresentados pelo periódico, como o Edifício Bráulio Xavier, do arquiteto Hélio Duarte, publicado no artigo “Primeiro prédio de apartamentos em condomínio na Bahia” (n. 1, 1940). Este artigo destacou não apenas as fachadas verticais e a utilização de ângulos retos, mas também tratou da novidade do primeiro prédio de apartamentos em condomínio em todo o estado. No entanto, segundo Huapaya e Pessoa (2018), apesar de os projetos modernos começarem a ganhar destaque, na prática, edificações neocoloniais, dentre outros estilos, nunca deixaram de aparecer na revista. Duas publicações podem ser citadas como exemplos: o artigo “A nova sede da Associação Atlética da Bahia” (n. 3, 1941), dos arquitetos Diógenes Rebouças e Jaziel, projetado com referências neocoloniais e descrita como “pitoresca e agradável”, e o artigo “A nova sede do Clube Carnavalesco Fantoches da Euterpe” (n. 6, 1941), do engenheiro Quintino Steimback, projetada, também, com referências neocoloniais.

Com relação à diagramação dos artigos na revista, é importante salientar que houve:

uma diferenciação no tratamento dos textos e das suas fotos complementares enquanto Hélio Duarte é redator. Constatase que nas sete primeiras edições a presença da arquitetura – de todas as correntes existentes – é mais marcante na revista, tornando-se posteriormente mais escassa. Nos primeiros números aparecem mais fotos de edifícios executados, enquanto nos últimos há mais desenhos de projetos (Bierrenbach, 2012, p. 12).

Consequentemente, os desenhos de projetos apresentados pela revista referem-se, na maioria dos casos, a estudos de fachadas, plantas e croquis. Esses estudos não incluem textos nem descrições; o uso dessa linguagem técnica sugere, de fato, que o público-alvo estava conformado por arquitetos e engenheiros. Poucos e pontuais foram os casos em que foram publicados edifícios construídos. Esta questão é possível de ser observada, por exemplo, nos artigos “Projeto de uma casa residencial” (n. 1, 1940), de Sátiro Brandão, em que é apresentada uma casa com características neocoloniais, e o “Projeto para construção de um prédio de apartamentos” (n. 22, 1947), de autoria do Escritório Antônio Ramos, que trata do edifício Dourado, que foi efetivamente construído.

Se levarmos em consideração o número de artigos publicados na revista, pode-se afirmar que, aproximadamente, 30% destes tiveram como temática a arquitetura (teóricos e projetos)<sup>15</sup>. O profissional que teve o maior número de publicações foi o engenheiro Leonardo Mario Caricchio, com 19 publicações, sendo todas correspondentes a projetos arquitetônicos. No que tange à temática de urbanismo<sup>16</sup>, que corresponde a 13% dos artigos, é possível observar, conforme a Tabela 2, que há uma oscilação em sua abordagem, a depender do ano, cessando completamente em 1956.

Em 1957, após ser vendida ao órgão da Fundação da Ciência na Bahia artigos sobre arquitetura e urbanismo deixam de ser publicados pela revista, e as temáticas passam a se focar em assuntos técnicos em uma abordagem científica e intelectual, como já mencionado anteriormente. Assim, ficou evidente que a revista tinha um foco maior em discutir temas relacionados ao ensino, visto que ocuparam cerca de 42% de todos os artigos publicados em ambos os períodos. Nesse contexto, o engenheiro Archimedes Pereira Guimarães<sup>17</sup> foi quem teve o maior número de publicações, totalizando 16% dos artigos voltados ao ensino<sup>18</sup>.

## “SALVADOR MODERNA” NA REVISTA TÉCNICA

No âmbito da arquitetura e do urbanismo, a discussão do “moderno” na revista Técnica se apresenta de forma bastante diferenciada. Pode-se afirmar, a partir do conjunto de artigos publicados com essas temáticas, que a revista

acompanhou as transformações da cidade, fomentando a adoção do ideário modernista. Ao que parece, o posicionamento dos editores estava alinhado com as ações da Prefeitura no processo de modernização de Salvador, em especial, aquelas voltadas para sua “remodelação” e “ampliação” como, por exemplo, o alargamento de ruas, a proposta de um novo gabarito e a implantação de edificações modernas<sup>19</sup>. Além disso, o que se percebe é que os projetos e as propostas urbanas publicados na revista se localizavam em diversas partes da cidade, o que mostra que esses processos de transformação não se restringiam somente à área central, mas, também, a bairros localizados fora desta.

Ainda, é importante destacar – em especial, considerando os artigos voltados para o centro da cidade – que questões voltadas para a preservação do patrimônio (edificações, trama urbana etc.) não foram debatidas de forma substancial; pelo contrário, o que pode ser observado é que esses aspectos, quando apareceram, não foram tão decisivos nem prioritários diante da necessidade de “modernizar” a capital baiana. De forma pontual, esse tema esteve presente quando se tratou de projetos de intervenção/remodelação de edificações específicas, mas não na escala urbana.

Esse panorama acima contrasta de forma significativa quando analisadas as publicações sobre arquitetura. De forma ampla, foram identificados três tipos de artigos que abordaram essa temática: aqueles sobre aspectos teóricos/críticos, artigos voltados para edificações de grande porte (edifícios comerciais e residenciais, equipamento urbano etc.) e artigos de residências unifamiliares.

No primeiro dos casos, apesar de limitados, é significativo que os dois primeiros artigos, intitulados “Arquitetura na Bahia” (n. 3 e n. 4, 1941), publicados pela Redação, tenham se voltado para uma análise sobre a situação da Escola de Belas Artes – em especial, sobre formação de arquitetos e infraestrutura física – e que, no segundo artigo, tenham sido citados o urbanista francês Alfred Agache e o arquiteto brasileiro Attilio Corrêa Lima. De certa forma, e como já visto, a convivência do tradicional e do moderno foi uma característica da revista quando o assunto foi arquitetura.

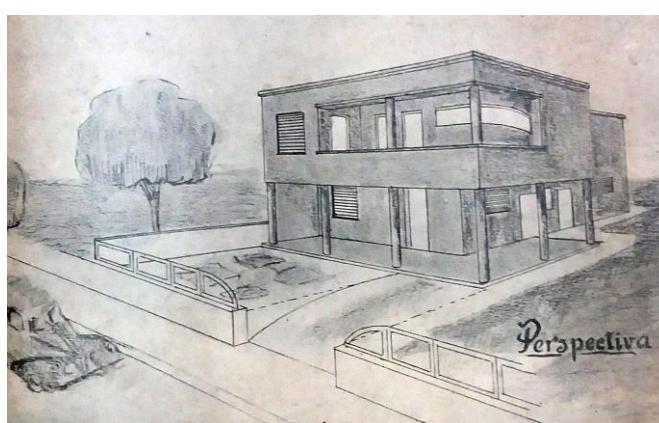
A discussão da arquitetura moderna apareceu na revista, basicamente, a partir da publicação de artigos de profissionais estrangeiros, como “Novos rumos da arquitetura contemporânea”, do arquiteto argentino I. B. Stok (n. 13/14, 1944), e “Tende a arquitetura moderna para o desenho funcional?” (n. 19, 1946). No primeiro dos casos, é interessante perceber como, de forma antecipada, Stok afirmava que a arquitetura tendia a se nacionalizar, e que este movimento era resultado da necessidade de incorporação de aspectos climáticos, possibilidades e grupo étnico de cada região; entende-se que tal discurso foi

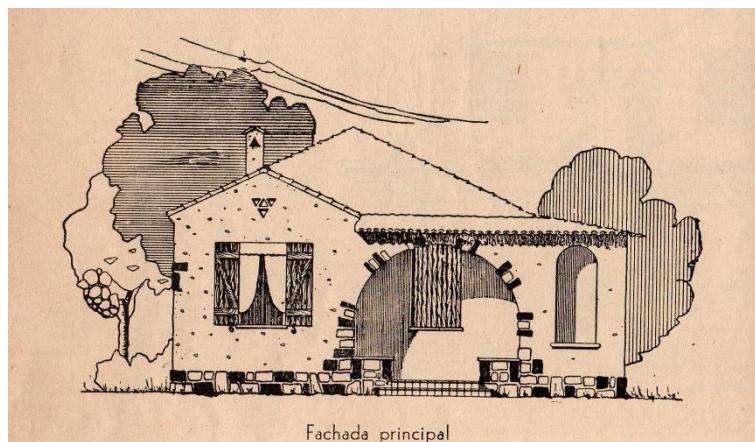
pertinente para as especificidades da arquitetura baiana e reforçava, de novo, a convivência de antagonismos, neste caso, do universal e do local. Já o segundo artigo voltou-se, pontualmente, para a análise da obra produzida, à época, pelo arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright, dando destaque aos processos de estandardização.

Com relação aos artigos sobre projetos de grande porte e residenciais, vale uma observação importante: foi interessante perceber que, de forma geral, os primeiros foram elaborados por arquitetos e os segundos, por engenheiros. Esse fato é bastante relevante, uma vez que os projetos elaborados por arquitetos possuem, basicamente, características modernistas; além disso, outro aspecto que chama a atenção é que grande parte destes foram, de fato, construídos. Já no caso dos projetos residenciais, na maioria das vezes se apresentaram como estudos e propostas, e acredita-se que poucos deles foram concretizados<sup>20</sup>. Como exemplos dos primeiros projetos, podemos mencionar: os edifícios Bráulio Xavier (n. 1, 1940) e Chandler (n. 5, 1941), do arquiteto Hélio Duarte, o Hospital Santa Terezinha (n. 6, 1941), do arquiteto Jorge Machado Moreira, e o Edifício Margarida (n. 23, 1947), do engenheiro João Augusto Calmon e do arquiteto Lev Smarcevski.

No caso dos projetos e estudos para residências, nota-se uma diversidade de estilos arquitetônicos; chama a atenção como, nestes casos, existe um contraste entre este tipo de projetos e os de grande porte, como mencionado acima. Os artigos publicados na revista se apresentam, na grande maioria, como “estudos” e/ou “propostas” e, inclusive, foram pensadas variações de “estilos arquitetônicos” para os mesmos projetos. Isto é interessante, já que se evidencia como esse tipo de projeto podia se adaptar aos gostos dos proprietários. Três engenheiros tiveram o maior número de projetos publicados: Leonardo Mario Caricchio, Sátiro Brandão e Walter Gordilho (Figuras 3, 4 e 5). Um caso particular foi o de Lev Smarcevski, um dos poucos arquitetos com projetos residenciais modernistas publicados.

Figuras 3, 4 e 5: Residência de dois pavimentos, Walter V. Gordilho; Estudo de casa de veraneio, Sátiro Brandão e; Projeto de uma residência, Leonardo M. Caricchio





Fonte: Revista Técnica (n. 3, 1941; n. 3, 1941 e n. 5, 1941)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

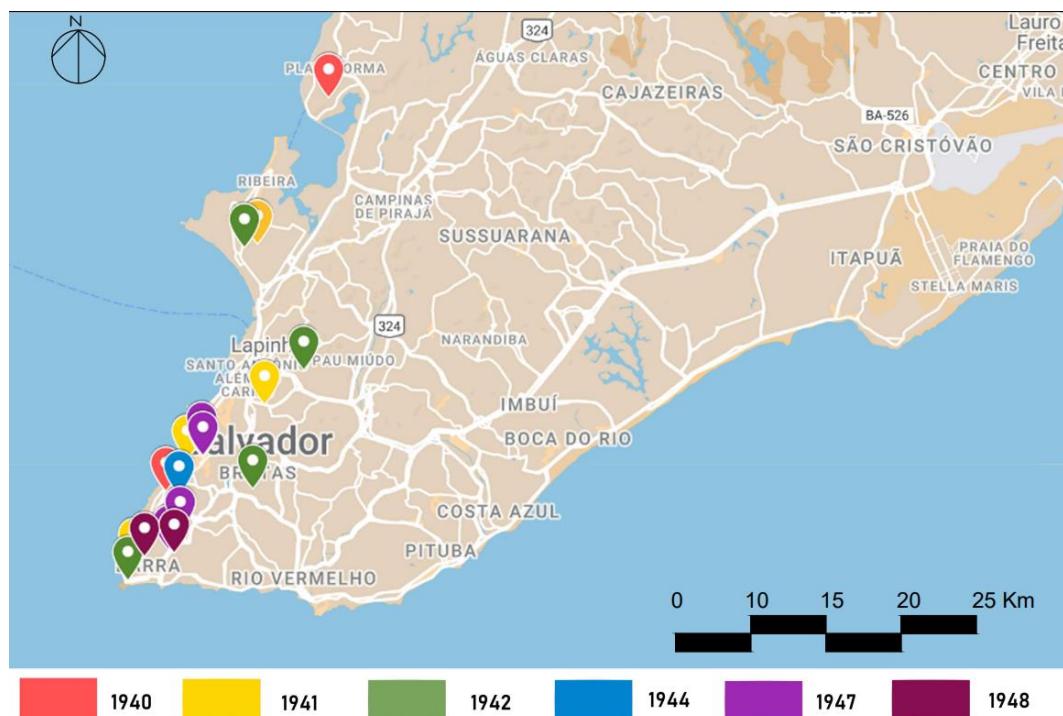
A análise da revista Técnica permite inferir, acima de tudo, como a cidade de Salvador se preparou para a chegada da modernização na arquitetura durante as décadas de 1940 e 1950. Em primeiro lugar, através da recepção do movimento moderno na capital baiana, a revista atuou como reflexo da convivência de diversos estilos arquitetônicos, como termômetro do setor da construção civil viabilizando a atuação dos engenheiros e, também, de arquitetos, ainda que de modo pontual e limitado. Em segundo lugar, pela implicação de que não houve um privilégio na difusão de exemplares modernos, visto que a maior parte dos estudos projetuais apresentava características neocoloniais. No entanto, é indubitável que a revista foi

precursora ao discutir e apresentar Salvador como uma cidade em crescimento, em um processo de urbanização e em construção.

Com relação ao conteúdo em si, apesar de a revista pretender ter uma abrangência estadual, na prática, ela foi focada, basicamente, na capital baiana. Poucos foram os artigos que discutiram o que estava acontecendo fora de Salvador. Quando isto ocorreu, foi por meio de projetos arquitetônicos e urbanísticos que, no entanto, também nos revelam como se deu a circulação e a adoção do modernismo em algumas das cidades do interior do estado.

Ainda, falando sobre os projetos arquitetônicos divulgados na revista, em Salvador, pode ser observado que grande parte dos edifícios comerciais e/ou residenciais se localizam em áreas próximas ou limítrofes ao centro histórico (Figura 6). Isto faz sentido se pensarmos que a capital baiana da década de 1940 se constituía, basicamente, em sua área central, em alguns bairros ainda em processo de consolidação, além de avenidas que articulavam esses novos bairros (Avenidas Sete de Setembro e Carlos Gomes, por exemplo). Nesse sentido, a localização desses edifícios tinha um significado simbólico, que mostrava a mudança da cidade colonial para a cidade moderna, mas, também, do domínio da técnica, a partir de construções em altura, que mudaram radicalmente a paisagem urbana existente.

Figura 6: Mapa de localização dos projetos encontrados na revista Técnica



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Do outro lado, os projetos de residências unifamiliares refletem um tensionamento em relação à adoção do moderno, como mais um estilo entre outros que estavam sendo usados pelos projetistas. Apesar disso, eles também nos revelam as mudanças urbanísticas em curso, em especial, aquelas voltadas para novos gabaritos, recuos, a presença de jardins frontais e laterais e a necessidade de garagem, só por citar alguns aspectos. Isto nos mostra um contraste evidente entre a forma de morar na área central e nos novos bairros em consolidação como o Garcia, Graça e Federação.

Finalmente, outra questão importante tem a ver justamente com o conteúdo da revista; apesar do período de circulação da revista coincidir, como citado anteriormente, com os processos de “modernização” da capital baiana, o que se percebe é, no entanto, um viés muito mais eclético, que mostra uma Salvador, também eclética, onde existiam mudanças, mas também permanências.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Accioly Vieira de. Melhorando o aspecto urbano. **Técnica**, Salvador, a. II, n. 9, n. p., maio/jun. 1942.
- ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Arquitetura moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo**. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2012.
- AZEVEDO, Paulo Ormindo de. Crise e Modernização, a Arquitetura dos Anos 30 em Salvador. In: SEGAWA, Hugo (Org.). **Arquiteturas no Brasil: Anos 80**. São Paulo: Projeto, 1988, pp. 14-18.
- BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. Zoom in, zoom out – a fotografia da arquitetura moderna e os contextos do modernismo e da modernização. In: Anais do II ENANPARQ, Natal, 2012.
- FERNANDES, Ana; SAMPAIO, Heliodório; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. A Constituição do Urbanismo Moderno na Bahia (1900-1950): construção institucional, formação profissional e realizações. In: CARDOSO, Luiz Antonio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia Fernandes de (Orgs.). **(Re)discutindo o modernismo**. Universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1997, pp. 201-213.
- GUTIÉRREZ, Ramón; MÉNDEZ, Patricia; BARCINA, Florencia. **Revistas de arquitectura de América Latina, 1900-2000**. San Juan: CEDODAL/Universidad Politécnica de Puerto Rico, 2001.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; PESSOA, Thiscianne Moraes. Arquitetura moderna em Salvador. A contribuição do Sindicato de Engenharia da Bahia (1940-1959). In: Anais do VII Docomomo Norte\_Nordeste, Manaus, 2018.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; PESSOA, Thiscianne Moraes; CASTRO, Lucas Bispo dos Santos. Por uma Salvador Moderna: a custa de quem e de que?, 1935-1945. In: Anais do V ENANPARQ, Salvador, 2018.

LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). **Urbanismo no Brasil, 1895-1965**. Salvador: EDUFBA, 2005.

MÉNDEZ, Patricia. **Ideas, proyectos, debates:** revistas latinoamericanas de arquitectura. Buenos Aires: Patrícia Susana Méndez, 2020.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia**. Difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). Salvador: EDUFBA, 2011.

TÉCNICA. **Técnica**, Salvador, a. XI, n. 34, p. 1, jul. 1955.

UM ANO de existência. **Técnica**, Salvador, a. I, n. 6, n. p., set./out. 1941.

## NOTAS

<sup>1</sup> Isto não quer dizer que não circulassem outras revistas com essa abordagem, mas, certamente estas não tinham esse foco específico. Por exemplo, podemos lembrar das revistas “A Politécnica” e “Rotary Club Bahiano”.

<sup>2</sup> Essa mesma informação equivocada foi reproduzida em Méndez (2020).

<sup>3</sup> Como se verá mais adiante, dois exemplares foram duplos (11/12 e 13/14). Os números não analisados foram: 28, 29, 30, 32 e 33, e foram publicados entre 1949 e 1950. Apesar do grande esforço, não foi possível ter acesso a eles.

<sup>4</sup> A reforma em questão ocorreu durante o governo de J. J. Seabra, que teve início quando ele foi ministro de Estado em 1906. Com o objetivo de modernizar a cidade de Salvador, houve uma ampliação do porto no ano de 1913. Essa iniciativa marcou uma série de reformas que ocorreram na cidade alta da capital baiana.

<sup>5</sup> José Joaquim Seabra, mais conhecido como J. J. Seabra foi governador da Bahia entre os anos 1912-1916 e 1920-1924.

<sup>6</sup> Em 1958 foi criado o curso de Arquitetura na Universidade Federal da Bahia, desvinculando-se da Escola de Belas Artes.

<sup>7</sup> Em ordem de publicação: n. 1 (ago./set. 1940), n. 2 (out./nov. 1940), n. 3 (jan./fev. 1941), n. 4 (maio/jun. 1941), n. 5 (jul./ago. 1941), n. 6 (set./out. 1941), n. 7 (jan./fev. 1942), n. 8 (mar./abr. 1942), n. 9 (maio/jun. 1942), n. 10 (out./nov. 1942), n. 11/12 (jan./abr. 1943), n. 13/14 (jan./fev. 1944), n. 15 (mar./abr./maio 1944), n. 16 (dez. 1944), n. 17 (abr. 1945), n. 18 (ago. 1946), n. 19 (out. 1946), n. 20 (mar. 1947), n. 21 (abr./maio 1947), n. 22 (set. 1947), n. 23 (out. 1947), n. 24 (jan. 1948), n. 25 (jun. 1948), n. 26 (set./out. 1948), n. 27 (nov./dez. 1948), n. 28 (não foi possível acesso), n. 29 (não foi possível acesso), n. 30 (não foi possível acesso), n. 31 (nov./dez. 1949), n. 32 (não foi possível acesso), n. 33 (não foi possível acesso), n. 34 (jul. 1955), n. 35 (dez. 1955), n. 36 (jun. 1956), n. 37 (dez. 1956), n. 38 (dez. 1957), n. 39 (dez. 1958) e, n. 40 (dez. 1959).

<sup>8</sup> A revista passou por um hiato no ano de 1949, retornando em 1955 com a publicação do n. 34.

<sup>9</sup> Como mencionado na nota 3, não foi possível ter acesso aos números 32 e 33, por isso, adotamos, com base nos demais números analisados, o encerramento do primeiro período da revista com o n. 33.

---

<sup>10</sup> Não é especificada a razão da venda da revista ao Órgão da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. Acredita-se que esta tenha sido em decorrência da dificuldade de manutenção do Sindicato de Engenheiros da Bahia.

<sup>11</sup> Como visto na Tabela 1, os cargos de direção passaram por um intercruzamento entre os anos, por isso, a revista foi dirigida por mais de uma pessoa em um determinado ano.

<sup>12</sup> “Pontos de aula” é um termo usado pela própria revista para discutir artigos voltados para o ensino.

<sup>13</sup> Esses integrantes do Conselho Diretor não tiveram seus cargos devidamente especificados pela revista.

<sup>14</sup> Não é possível afirmar, com certeza, que houve um alinhamento dos projetos, às pretendidas mudanças previstas para a cidade na Semana do Urbanismo de 1935, mas é possível que tenha havido influência.

<sup>15</sup> Tomamos como universo de artigos publicados o número de 231. Os artigos voltados para arquitetura foram 69.

<sup>16</sup> Foram identificados 30 artigos sobre essa temática.

<sup>17</sup> Foi um engenheiro civil e militar que voltou o seu trabalho para a construção de obras públicas no Brasil.

<sup>18</sup> Dos 97 artigos voltados ao ensino, 16 foram de autoria de Archimedes Pereira Guimarães.

<sup>19</sup> Ver, por exemplo: Andrade (1942).

<sup>20</sup> De fato, foi bastante difícil saber se essas residências foram ou não construídas uma vez que não apresentam informações de localização.